



CENTRO UNIVERSITÁRIO LUTERANO DE PALMAS

Reconhecido pelo Portaria Ministerial nº 1.162, de 13/10/16, D.O.U. nº 198, de 14/10/2016
AELBRA EDUCAÇÃO SUPERIOR - GRADUAÇÃO E PÓS-GRADUAÇÃO S.A.

Dayane Tassi Macena Cordeiro

O USO DA ARTETERAPIA NO CONTROLE DA ANSIEDADE

Palmas – TO

2019

Dayane Tassi Macena Cordeiro
O USO DA ARTETERAPIA NO CONTROLE DA ANSIEDADE

Trabalho de Conclusão de Curso (TCC) elaborado e apresentado como requisito parcial para obtenção do bacharelado em Psicologia do Centro Universitário Luterano de Palmas (CEULP/ULBRA).

Orientador: Prof. Me. Iran Johnathan Silva Oliveira.

Palmas – TO

2019

Dayane Tassi Macena Cordeiro
O USO DA ARTETERAPIA NO CONTROLE DA ANSIEDADE

Trabalho de Conclusão de Curso (TCC) elaborado e apresentado como requisito parcial para obtenção do bacharelado em Psicologia do Centro Universitário Luterano de Palmas (CEULP/ULBRA).

Orientador: Prof. Me. Iran Johnathan Silva Oliveira

Aprovado em: ____/____/____

BANCA EXAMINADORA

Prof. Me. Iran Johnathan Silva Oliveira

Orientador

Centro Universitário Luterano de Palmas – CEULP

Prof.a Dra. Ana Beatriz Dupré Silva

Centro Universitário Luterano de Palmas – CEULP

Prof.a Dra. Irenides Teixeira

Centro Universitário Luterano de Palmas – CEULP

Palmas – TO

2019

A Deus, que nos formou e quem “tiro o chapéu” com a sua criatividade. A sua Shekinah em minha vida tem me sustentado e me deu ousadia para instigar práticas e apresentar novas ferramentas para uma humanidade em um novo olhar para variáveis de capacidade desse ser.

AGRADECIMENTOS

A Deus primeiramente por estar sempre ao meu lado, me dando forças para vencer as adversidades nessa jornada como pessoa e como futura psicóloga.

Agradeço a meu esposo em sempre acreditar em mim, em me apoiar e ter me financiado nesse sonho para que se tornasse realidade.

Aos meus pais que sempre me apoiaram de perto e de longe para acreditar nos meus sonhos e que um dia eles se tornariam possíveis.

Ao meu orientador Iran Johnathan que quis fazer parte do meu tema e teve coragem de caminhar nessa construção, para uma nova ferramenta de trabalho em Análise do Comportamento.

À minha banca atual Ana Beatriz, Irenides Teixeira que enriqueceram na construção desse TCC, com os seus olhares técnicos e críticas pertinentes ao tema.

Aos meus amigos e familiares que fizeram parte dessa caminhada como acadêmica em Psicologia.

E por fim, ao meu filho querido que me fez sorrir em dias angustiantes e me reforçando positivamente para chegar ao meu sonho.

Não considere nenhuma prática como imutável. Mude e esteja pronto a mudar novamente. Não aceite verdade eterna. Experimente.

B. F. Skinner

RESUMO

CORDEIRO, Dayane Tassi Macena. **O uso da arteterapia no controle da ansiedade**. 2019. 45f. Trabalho de Conclusão de Curso (Graduação) – Curso de Psicologia, Centro Universitário Luterano de Palmas, Palmas/TO, 2019.

Os dados relativos à ansiedade no Brasil divulgados pela OMS apontam que 9,3% dos brasileiros apresentam algum transtorno de ansiedade. Considerando que a arteterapia tem se mostrado um instrumento eficaz na clínica para o tratamento psicoterápico em diversas abordagens da psicologia: psicanalítica, junguiana, fenomenologia existencial e afins, e levando em conta os conceitos da análise do comportamento acerca da ansiedade, este trabalho tem como problema de pesquisa o seguinte questionamento: Como se dá o controle da Ansiedade a partir do uso da Arteterapia na clínica? Para responder a esta pergunta, foi traçado o seguinte objetivo geral: identificar como a arteterapia pode favorecer no controle da Ansiedade a partir da análise do comportamento; e os objetivos específicos: 1) como se dá o manejo da arteterapia no controle da ansiedade; 2) identificar os atributos da arteterapia no controle da ansiedade; e 3) observar as discussões da arteterapia no controle da ansiedade. A metodologia a ser utilizada nesta pesquisa foi de abordagem qualitativa e de natureza básica. O procedimento a ser utilizado será o de pesquisa bibliográfica com revisão de literatura.

Palavras-chave: arteterapia; ansiedade; manejo de ansiedade.

ABSTRACT

CORDEIRO, Dayane Tassi Macena. **The use of art therapy in the control of anxiety.** 45 p. 2019. Course Completion Work (Graduation) - Psychology Course. Lutheran University Center of Palmas, Palmas / TO. 2019.

Anxiety data in Brazil released by the WHO indicate that 9.3% of Brazilians have some anxiety disorder. Considering that art therapy has been shown to be an effective clinical tool for psychotherapeutic treatment in various approaches to psychology: psychoanalytic, Jungian, existential phenomenology and others, and taking into consideration the concepts of behavioral analysis about anxiety, this work has as a research problem the following question: How does control of anxiety in use of Art Therapy in the clinic? To answer this question, the following general objective has been outlined: identify how art therapy can favor the control of anxiety from behavior analysis; and the specific objectives: 1) how is the management of art therapy to control anxiety; 2) identify the attributes of art therapy in anxiety control; and 3) observe the discussions of art therapy in anxiety control. The methodology to be used in this research was qualitative and of basic nature. The procedure to be used will be the literature search with literature review.

Keywords: art therapy; anxiety; management of anxiety.

SUMÁRIO

1 INTRODUÇÃO	9
2 ARTETERAPIA	14
2.1 A ARTETERAPIA NO BRASIL	16
2.2 FUNDAMENTOS DA ARTETERAPIA NA PSICOLOGIA	20
3 ANÁLISE DO COMPORTAMENTO	23
3.1 A EMOÇÃO NA ANÁLISE DO COMPORTAMENTO	26
3.2 ANSIEDADE PARA A ANÁLISE DO COMPORTAMENTO	30
4 DISCUSSÃO	36
5 CONSIDERAÇÕES FINAIS	40
REFERÊNCIAS	41

1 INTRODUÇÃO

A arte sempre foi um recurso utilizado pelas pessoas, desde a antiguidade, para que pudessem expressar seus sentimentos, desejos e relatar suas rotinas. Partindo desse pressuposto, algumas pessoas começaram a refletir se a criatividade artística teria alguma propriedade terapêutica. A arteterapia é entendida como um conjunto de métodos no qual se utiliza a expressão artística para fins terapêuticos (REIS, 2014).

Os primeiros pesquisadores a se interessarem por essa temática foram os psicanalistas, como Freud e Jung. Mas quem de fato trabalhou com a expressão em projetar os sentimentos internos foi Jung. Eles acreditavam, respectivamente, que a arte servia para projetar algumas “pulsões” e para dar forma simbólica aos conteúdos inconscientes. Assim, ao poder projetar seu inconsciente, poderiam elaborá-los de forma apropriada e até tratar determinados sintomas. Mesmo lançando as bases iniciais do pensamento sobre arteterapia como dispositivo terapêutico, estes estudiosos não se debruçaram muito sobre o tema, nem chegaram a realizar pesquisas definitivas sobre isso. O início da arteterapia veio então através das contribuições de Margareth Namburg, uma professora psiquiatra dos Estados Unidos, que foi a primeira pessoa a sistematizar o uso da arteterapia (SILVEIRA, 2001).

De acordo com Reis (2014, p. 145), o trabalho que Namburg realizou “visava a facilitar a projeção de conflitos inconscientes em representações pictóricas, sendo esse material submetido à interpretação seguindo o modelo teórico proposto por Freud”. Ou seja, seu trabalho tinha base psicanalítica.

No Brasil, os grandes nomes expoentes da arteterapia são os psiquiatras Nise da Silveira e Osório César. Trabalhando em hospitais psiquiátricos, eles foram responsáveis por promover “mostras” de arte realizadas pelos próprios internos. A partir desse trabalho, verificaram melhoras nos sintomas das pessoas que participavam das oficinas e uma diminuição do quadro de recaídas. Esse trabalho foi feito na metodologia da Terapia Ocupacional (ANDRIOLO, 2003).

A ansiedade, por sua vez, apesar de amplos estudos, não tem uma definição fácil. Os transtornos de ansiedade definidos pelos estudos, compartilham uma definição que envolve características como medo intenso e mudança de comportamentos derivados desse medo, além de reações fisiológicas, como suar frio,

aceleração dos batimentos cardíacos e sensações de morte ou desmaio (BRITTO, 2012).

Para a análise do comportamento, a ansiedade se difere do medo, levando em consideração que o medo é uma reação à ameaça presente, e a ansiedade é a antecipação de uma suposta futura ameaça, e uma resposta muscular e fisiológica resultante disto. Os números de pessoas que sofrem com os transtornos de ansiedade crescem anualmente (BRITTO, 2012). O Brasil, por exemplo, é considerado o país mais “ansioso” da América Latina. Também é, de acordo com a Organização Mundial de Saúde (2017), o país com maior número de pessoas diagnosticadas com transtornos de ansiedade no mundo. A medicalização resultante disso também gera dados relevantes: o Brasil é o terceiro maior consumidor de ansiolíticos benzodiazepínicos no mundo de acordo com o estudo “Sustancias sicotrópicas”, realizado pela Junta Internacional De Fiscalización De Estupefacientes em 2018 (ONU, 2018).

No Brasil e no mundo, a arteterapia tem sido utilizada a partir das premissas das abordagens psicanalítica, junguiana, fenomenologia existencial e afins, sendo poucos os trabalhos que relacionam o uso da arteterapia e a análise do comportamento (ADRIOLO, 2003).

Sendo assim, cabe perguntar se a arteterapia pode ser um dispositivo terapêutico para o manejo da ansiedade, dentro das práticas de análise do comportamento e como se dá o controle da ansiedade pelo uso da arteterapia. Para que certos aspectos fossem alcançados, baseou-se em estudos a respeito da arteterapia e sua relação com a capacidade de promover a expressão das emoções privadas e externas, formulando-se a estratégia de inserir novos contextos no repertório comportamental do ser humano.

Tendo como objetivo geral identificar como a Arteterapia pode favorecer no controle da Ansiedade a partir da Análise do Comportamento. E a partir desse ponto, observou o manejo da Arteterapia no controle da Ansiedade; Identificou os atributos da Arteterapia no controle da Ansiedade; Observou as discussões da Arteterapia no controle da Ansiedade. E com isso pode-se indagar a importância do histórico da arteterapia para a construção de novos repertórios para os indivíduos que estão em um processo de adoecimento. Em termos acadêmicos, este estudo permitirá trazer

uma nova perspectiva no processo terapêutico para clientes que estejam sofrendo com ansiedade.

Com o avanço no entendimento da análise do comportamento, pode-se entender o ser humano com um grande rol de possibilidades de mudanças. Essa mudança pode afetar os comportamentos da pessoa, de modo que ela seja capaz de utilizá-los e entendê-los quando necessário para a construção de algo que seja favorável para a sua vida.

Pessoalmente, sempre gostei da arte, pois entendia a sua relevância na construção de novos repertórios em minha vida. Após o nascimento do meu filho, tive depressão pós-parto e a arteterapia foi capaz de proporcionar ressignificações que me traziam bem-estar e mudanças comportamentais como estratégias de novos contextos e minimizando os efeitos comportamentais.

Com a utilização do patchwork, fui capaz de verificar a importância de contextualizar e verbalizar os meus sentimentos e extravasá-los através das artes, sem me preocupar com a performance. Aprendi a focar no processo criativo, sem me preocupar em atingir um ideal de perfeição.

Por estas observações, este trabalho propôs a examinar e identificar, baseado na teoria da análise do comportamento, como a arteterapia pode favorecer no manejo da ansiedade.

Esta pesquisa teve por finalidade metodológica ser uma pesquisa básica, é uma pesquisa que gerou alguns conhecimentos novos para o avanço da ciência, sem necessidade de aplicação prática (ANDRADE, 2002).

O tipo de pesquisa realizada foi de cunho bibliográfico com caráter de revisão de literatura. Assim, a pesquisa bibliográfica visou pesquisar e obter diversos referenciais teóricos a fim observar, armazenar e considerar os fenômenos do tema abordado de forma esmiuçada sem interferência do pesquisador.

Foi bibliográfica por compreender uma revisão da literatura disponível sobre o tema, ou seja, um levantamento sistematizado de livros, artigos em revistas e periódicos, anais de congressos, teses, dissertações e outras publicações, visando fundamentar teoricamente o trabalho, e subsidiar a análise dos dados coletados. A pesquisa bibliográfica é desenvolvida através de material elaborado anteriormente, constituído principalmente de livros e artigos científicos (GIL, 1999).

A pesquisa bibliográfica

[...] evidencia uma simples organização coerente de ideias, originadas de bibliografia de autores consagrados que escreveram sobre o tema escolhido pelo aluno. Esse tipo de monografia pode ser desenvolvido como uma análise crítica ou comparativa de uma teoria ou modelo já existente, a partir de um esquema conceitual definido (JESUS; TACHIZAWA, 2005, p.45)

A pesquisa bibliográfica pode ser considerada como o primeiro passo de toda a pesquisa científica, sendo ela baseada no levantamento de toda a bibliografia publicada anteriormente e seu intuito é colocar o pesquisador em contato direto com todo o material escrito sobre um tema específico, ajudando-o na análise de sua pesquisa ou na manipulação de suas informações (MARCONI; LAKATOS, 1992).

É uma revisão de literatura, na medida em que buscou compreender a obtenção e exposição de dados representativos de determinada situação ou fenômeno. A pesquisa bibliográfica com revisão de literatura, objetiva a descrição das principais características de uma determinada variável, podendo ser uma população, um fenômeno natural ou até mesmo a formulação do relacionamento entre estas variáveis. Ele afirma ainda que a principal característica, é mais significativa, é a de aplicações de técnicas padronizadas no que tange a coleta dos dados para obtenção das informações (GIL, 1999).

A pesquisa bibliográfica tem o objetivo de observar os fatos e conseqüentemente realizar a pesquisa em três passos: registrá-los, classificá-los e interpretá-los, sem a interferência do pesquisador. De modo que, os fenômenos estudados e pesquisados, não são manipulados pelo observador (ANDRADE, 2002).

A pesquisa bibliográfica exige do pesquisador, uma demarcação concisa de métodos, técnicas, modelos e teorias que irão servir de subsídio para coleta de dados, que tem por objetivo conferir a autenticidade e a veracidade científica à pesquisa (TRIVIÑOS, 1987).

A metodologia adotada para este trabalho consistiu em reunir, analisar e discutir as informações publicadas sobre o tema para que fossem juntadas em função da elaboração, a fim de fundamentar teoricamente o objeto de investigação com bases sólidas, e não arbitrariamente.

Realizou-se uma minuciosa busca na literatura, selecionando e sintetizando ideias, estudos e pesquisas que se relacionaram com problema investigado,

objetivando melhor compreensão das inúmeras facetas deste.

A busca aconteceu nas seguintes bases de dados: Portal de Periódicos da CAPES, Scielo e Lilacs no ano de 2019. Foram digitadas no mecanismo de busca as seguintes palavras: “arteterapia”; “ansiedade”; “manejo da ansiedade”, as palavras sozinhas e após isto, combinadas pela conjunção aditiva “e”.

Para seleção do material, foi realizado uma leitura flutuante dos títulos e resumos, a fim de escolher os materiais que se encaixem no tema proposto. Desta forma, considerou aceitáveis todos os tipos de trabalhos acadêmicos e científicos: artigos, trabalhos de conclusão de curso, dissertações e teses, bem como livros físicos e disponibilizados online.

2 ARTETERAPIA

A arteterapia teve início entre os anos 1920-1930, com os estudos de Freud e Jung, que produziram os fundamentos para a construção da arteterapia como uma área específica de ação e atividade psicoterápica. Freud (1856-1939) constatou, ao observar algumas obras de arte, que existia manifestações inconscientes do criador, argumentando que estas seriam expressões simbólicas, pelas quais o artista transfere seus sentimentos e emoções. Mesmo com todo conhecimento adquirido nas observações de artistas, Freud, contudo, não utilizou de seus saberes a respeito da arte como um elemento do processo psicanalítico. Foi Jung (1875-1961), após seu rompimento com Freud, que desenvolveu a sua própria teoria, a Psicologia Analítica, e que começou a utilizar a expressão derivada da arte em conjunto à psicoterapia (REIS, 2014).

Freud acreditava que a arte era uma forma de sublimar as pulsões, já Jung argumentava que a expressão artística possuía uma finalidade psíquica natural e estruturante e seu potencial de cura estava em “dar forma” (REIS, 2014). Ele recomendava que seus pacientes expressassem, por meio da pintura, de maneira livre, as suas angústias do dia a dia, seus sonhos, sentimentos e emoções e analisava as imagens feitas, interpretando-as como uma manifestação do inconsciente individual e coletivo (ANDRADE, 2000).

Jung utilizava o desenho livre para simplificar a interação verbal com o paciente e porque acreditava “na possibilidade de o homem organizar seu caos interior utilizando-se da arte” (ANDRADE, 2000, p.52). A arte para Jung tinha o potencial de reorganizar os sentimentos que estivessem conflituosos na formação do seu eu.

A arteterapia concede vários ganhos para o ser humano, como parte de um autoconhecimento individual e social, uma aceitação maior por si próprio, aumento na autoestima, na saúde, no contentamento de se sentir bem e ver as coisas com novas percepções (CARDOSO; MUNHOZ, 2013).

A construção da “Arteterapia” surgiu como trabalho, nos EUA, logo após a 2ª Guerra Mundial, quando Margareth Naumburg uma psiquiatra observou em suas pesquisas, no ano de 1947, como a arte auxiliava crianças e adolescentes em seu desenvolvimento. Define então a Arteterapia como processos, que incentivam a originalidade por meio da utilização de linguagens artísticas, como por exemplo:

cantar, tocar algum instrumento musical, pinturas em telas, costura e atividades que possam catalisar sentimentos, expressões e símbolos utilizados de forma terapêutica (CIORNAI, 2004).

No cotidiano das pessoas que praticam arteterapia, há uma melhora na qualidade de entender os seus sentimentos internos. Também há a renovação da construção de relacionamentos, sejam eles intrapessoais ou interpessoais e a possibilidade de conviver melhor em sua própria companhia e na companhia dos outros (CIORNAI, 2004).

A autora pontua que

A arteterapia é o termo que designa a utilização de recursos artísticos em contextos terapêuticos. Esta definição ampla pressupõe que o processo de fazer artístico tem o potencial de cura quando o cliente é acompanhado pelo arteterapeuta experiente, que com ele constrói uma relação que facilita a ampliação da consciência e do autoconhecimento, possibilitando mudanças (CIORNAI, 2004, p. 7).

Conforme o mencionado, a Arteterapia necessita de um profissional experiente que faça esse papel de intermediação na relação e que facilite a ampliação dos resultados de percepção e conhecimento de si próprio. Possibilitando as mudanças que a arteterapia pode oferecer na construção do atendimento (CIORNAI, 2004).

Já de acordo com D'Alencar et al. (2013), a arteterapia é o uso terapêutico da atividade artística, no âmbito de trabalho e utilizado em vários outros contextos: doenças, traumas, problemas psicológicos e por pessoas que sintam necessidade de "crescimento interno" através de outros escapes paralelos.

Os trabalhos artísticos resultam na expansão do ato de se conhecer e de conhecer os outros em sua volta, melhorando a sua autoestima, aprendendo a compreender melhor o físico e o patológico, por suas experiências, sejam elas estressantes e traumáticas e desenvolvendo novas habilidades, que são visíveis, perceptíveis e emotivas e com isso usufruir no ato de produzir artístico (D'ALENCAR et al. 2013).

A arteterapia aparece em diferentes abordagens teóricas, algo em concordância com as outras teorias: o manejo da arte para a obtenção de emoções privadas e externas (REIS, 2014). O conceito primordial é que a expressão artística evidencia a importância de utilização da mesma a fim de se entender melhor, quando

a fala não é suficiente para demonstrar as vivências privadas, trazendo a reflexão na construção da sua individualidade (CIORNAI, 1995).

Para o psicólogo clínico Liomar Quinto Andrade, autor do livro *Terapias Expressivas*, originado de seus estudos de doutorado pela USP, a arte, de maneira metodológica, ajuda no processo terapêutico e educacional e favorece na construção de ferramentas primordiais e essenciais para o atendimento clínico, mostrando algumas hipóteses principais para o uso da arteterapia. Em primeiro lugar entendendo o homem em sua individualidade de emoções privadas e públicas, através da arte e de suas potencialidades de externar o seu cotidiano. Cada abordagem vai se utilizar dessa capacidade expressiva de uma forma diferente, sendo ela teoria e uso em arte-terapia e terapia expressiva. Em segundo lugar por intervenção de criar arte, exteriorizar, o terapeuta constrói um vínculo com o cliente viabilizando o conhecimento de si próprio, a desenvoltura de processos individuais e de convivência e o avanço geral da personalidade (ANDRADE, 2000).

Para a arteterapia, nas habilidades originais de cada indivíduo, não será necessário averiguar um papel de perfeição na construção desta arte. Antes, apresenta um olhar acima de conceitos estabelecidos de aceitação artísticas da sociedade e propõe um aspecto amplo na construção de aceitação de suas individualidades, mesmo que esse material seja visto pela crítica como algo insatisfatório (ANDRADE, 2000).

2.1 A ARTETERAPIA NO BRASIL

A história da arteterapia no Brasil começou na primeira metade do século XX, fundida com a psiquiatria e com influências da psicanálise freudiana e analítica. Mostradas na devida ordem pelos psiquiatras Osório Cesar (1895-1979) e Nise da Silveira (1905-1999), que foram os pioneiros a realizar trabalho artístico com pacientes internados em sanatórios. Os dois, com seus respectivos trabalhos, frente à demanda dos sanatórios, começaram a entender a importância de novas habilidades no âmbito de atendimento destes pacientes com insanidade, confrontando as técnicas utilizadas na época com um novo tipo de olhar terapêutico. Eles procuraram se contrapor com modelos, sem a utilização de controle de agressividade através de eletrochoque e

isolamento, utilizando de estratégias que viabilizaram uma melhora em seu quadro terapêutico (SILVEIRA, 2001).

Nise, nesse percurso, teve um olhar diferente, foi capaz de entender o ser humano de uma maneira mais empática, trazendo um conceito de atendimento diferenciado aos demais de sua época. Ela transformou princípios pré-estabelecidos em uma visão mais crítica e optou por um caminho alternativo, com aspectos relevantes no melhoramento desses pacientes. Com esse recurso paralelo, foi capaz de proporcionar resultados mais satisfatórios, chegando a observar que muitos pacientes melhoravam de maneira significativa atingindo melhora geral e reintegração para a sociedade e até mesmo de atingimento de um nível superior de habilidades anteriores ao adoecimento (SILVEIRA, 2001).

Osório César foi um estudante no Hospital Psiquiátrico de Juqueri e após formado trabalhou nele por 40 anos (ANDRIOLO, 2003). Em 1925, ele foi responsável pela criação da Escola Livre de Artes Plásticas do Juqueri, e, ajudou a organizar a 1ª Exposição de Arte do Hospital do Juqueri, no Museu de Arte de São Paulo, no ano de 1948 (CARVALHO; ANDRADE, 1995).

Osório César também publicou o livro, “A Expressão Artística nos Alienados” (1929), sobre o seu trabalho de exploração artísticas com um olhar de classificar e analisar pacientes psiquiátricos a partir das artes que produziam durante o tratamento e estadia no hospital. Ele é considerado o precursor na formação do campo da Psicologia da arte no Brasil. A sua contribuição refletiu grande relevância na leitura freudiana de arte, entretanto nos dias atuais é possível vermos fragmentos individualistas que contestam as pressuposições da psicanálise e implicam numa diminuição da obra artística, vista mais como histórico-social atualmente (ANDRIOLO, 2003).

Osório César contribuiu com estudos relevantes para a história da arteterapia no Brasil, pois conseguiu manusear a teoria freudiana em conjunto à análise da arte, tornando-se iniciador no Brasil com o estudo da manifestação dos sintomas psicopatológicos das pessoas com doenças de insanidade (CARVALHO; ANDRADE, 1995).

Nesta perspectiva, o autor observa a questão sexual nas representações artísticas dos pacientes que atendeu, interpretando a junção da arte como uma

história descrita a anseios significativos para o autor, camuflados nesses contextos analisados nas figuras (CÉSAR, 1944).

~~Procurando entender de forma mais satisfatória a integridade do homem, valorizando a arteterapia com aproximadamente 50 exposições e evidenciando a forma de se expressar desse indivíduo com doenças mentais. E assim quando falamos em trabalho de campo, na sua prática era o diferencial de Osório César, deixar a pessoa extravasar de maneira livre e refletindo que o ato de estar ali e deixando-se ser levado pelo andar do processo, era capaz de propiciar a cura por si, tendo uma comunicação entre suas emoções privadas e externas (CARVALHO; ANDRADE 1995).~~

Nise por sua vez contribuiu na Seção de Terapêutica Ocupacional do Centro Psiquiátrico D. Pedro II, em 1946, trabalhando na ajuda da produção da arte de uma forma mais ampla de significados daquelas pinturas e modelagens, para não ter somente o foco na distração, mas, de agregar melhorias significativas no quadro terapêutico desses pacientes. Continuando o seu trabalho no mesmo lugar, ela em 1952, inaugurou o Museu de Imagens do Inconsciente, que continha objetos artísticos criados pelos pacientes progressivamente a cada encontro, tendo mais de 300.000 obras feitas, entre telas, papéis e esculturas (SILVEIRA, 2001).

A partir da rica experiência aprendida com a prática na Seção de Terapêutica Ocupacional, alicerçada no conhecimento terapêutico pela forma de trabalho desempenhada no processo enriquecedor das tarefas criadoras, tendo como base a apuração das representações guardadas no Museu de Imagens do Inconsciente. A psiquiatra publicou um livro chamado “O Mundo Das Imagens”, através do qual, utilizando a teoria analítica de Jung, ela analisa as artes criadas pelos pacientes e explica o método que utilizou para chegar as suas conclusões (SILVEIRA, 2001).

Nise da Silveira foi considerada a pioneira da arteterapia no Brasil, mesmo não concordando com esse título, pois preferia ser vista como terapeuta ocupacional (CARVALHO; ANDRADE, 1995; ANDRADE, 2000). Entendendo que a arte arremetia a ideia de valoração estética da qual as pessoas esperam uma perfeição a respeito da obra e que, portanto, para ela esse ideal não era conveniente com a visão esperada em seu trabalho (SILVEIRA, 2001). Mesmo Nise evidenciando essas conotações de seu trabalho, pessoas que trabalhavam de maneira profissional com a arte,

observaram no Museu de Imagens do Inconsciente verdadeiras obras de arte, como atentou Frayze-Pereira (2003).

Nise tinha uma visão diferenciada na construção desse tipo de produção desta obra, criticando a Arteterapia como mediada pelo terapeuta, enquanto, que no método desenvolvido por ela, seus pacientes atuavam de maneira livre e espontânea em suas obras, entendendo o monitor como acompanhante e não como condutor dessa produção. Nise entendia a arteterapia como a atividade proposta pela psicanalista Margaret Naumburg na qual obrigatoriamente existia a relação transferencial na qual o paciente é orientado pelo terapeuta. Portanto, sendo junguiana, Nise rejeitava tal abordagem e por esse motivo não se considerava arteterapeuta (REIS, 2014).

A atribuição terapêutica da arte seria a forma de extravasar as emoções internas que não eram ditas nas formas costumeiras pelas pessoas que estavam perdidas no seu inconsciente, para além da possibilidade de se identificar dentro de um contexto racional. Para ela, o papel do terapeuta era de introduzir junções entre figuras que trazem o inconsciente e os aspectos emotivos vivenciados pelo paciente (SILVEIRA, 2001).

Essa linha de pensamento a firmou na teoria junguiana, da qual nasceu uma das mais relevantes teorias em arteterapia. No objetivo dos pacientes, a tarefa desenvolvida de maneira livre, desempenhava uma visão diferenciada nas perturbações emocionais permitindo não somente dar uma forma ao seu tumulto emocional, mas mudando conceitos e lapidando por intermédio dessa representação (SILVEIRA, 2001).

As criações artísticas permitem esclarecer processos de adoecimento psicótico, especialmente ao se observar ações artísticas de uma mesma pessoa, evidenciando criações com demandas costumeiras e com um significado de si próprias, dando proporção a situações conflituosas, tirando seu potencial destrutivo, e direcionando vertentes autocurativas que caminham em direção à consciência e à realidade. O trabalho desempenhado por Nise da Silveira evidencia a melhoria nos quadros terapêuticos em Engenho de Dentro, com a diminuição de recaídas e reinternações dos pacientes psicóticos que participaram dessa metodologia aplicada (SILVEIRA, 2001).

Nise procurou ver o homem como uma junção entre arte e a loucura. A partir de seu trabalho as pessoas começaram a ver essa junção como algo primordial no processo de recuperação desses pacientes, o que vemos no Museu de Imagens do Inconsciente com o trabalho sobre esquizofrenia. Porém, o universo não se envolve somente com o hospício e o mundo de figuras, mas sim com um olhar amplo em cima de como tratar pessoas com esquizofrenia de uma forma que expanda essas junções e ressignificações de um modo que seja capaz de articular abordagens como a Psicologia, arte e política em um contexto cultural e subjetivo deste indivíduo (FRAYZE-PEREIRA, 2003).

Nessa abordagem, a arte não só melhora a condição dos esquizofrênicos de uma maneira interna, mas também de uma maneira ampla da sociedade na aceitação de convívio social. Também sendo capaz de ver suas potencialidades como artista e até fazendo relação dessa construção feita pela cultura, percebendo não somente como expressão marginal, mas sim como obra de arte (FRAYZE-PEREIRA, 2003).

2.2 FUNDAMENTOS DA ARTETERAPIA NA PSICOLOGIA

Essa estruturação na extensão da Psicologia e Arteterapia veio um tempo após as experiências dos psiquiatras Osório César e Nise da Silveira, que já trabalhavam com terapias expressivas no Brasil. No que diz respeito ao campo da Psicologia e Arteterapia, a pioneira foi Maria Margarida M. J. de Carvalho (1980), que inaugurou em primeiro lugar o Curso de Arteterapia no Instituto Sedes Sapientae, em São Paulo. Sendo psicóloga clínica, lecionou no Instituto de Psicologia da USP e coordenou, em 1995, o livro “A Arte Cura? Recursos Artísticos em Psicoterapia”. Inaugurando, em 1982, a Clínica Pomar, no Rio de Janeiro, orientada por Ângela Philippini, sendo o lugar para o curso em arteterapia na abordagem junguiana (ANDRADE, 2000).

Outra grande expoente foi Selma que, já em 1990, traz uma visão diferente para a arteterapia brasileira, o curso de arteterapia gestáltica, no Sedes Sapientae. A arteterapia saiu do espaço clínico e ganhou outros lugares de expansão e também passou a ser apresentada em várias outras abordagens como a humanista, antroposófica entre outras. Não importando de como essa produção é feita e sim como esse paciente estava na sua produção, entendendo este paciente como um todo e a importância do que ele foi capaz de dizer através dessa produção. Essa é a visão que

o psicólogo tem que ter ao utilizar a arteterapia como instrumento no setting terapêutico (REIS, 2014).

Utilizada como tarefa terapêutica, o importante não é como essa atividade foi feita e sim tendo o ato de se expressar de maneira livre é o que realmente importa dentro desse processo em primeira instância. Dessa forma essa visão de atendimento pode ser utilizada em diferentes ambientes e contextos, como: “na clínica, na educação, na comunidade, na saúde pública, nas empresas, em intervenções na área de dificuldades físicas, cognitivas, emocionais e sociais junto a indivíduos, famílias, grupos sociais e equipes de trabalho” (REIS, 2014, p.148).

Um conceito necessário aos trabalhos com arte são as histórias contadas através de figuras, a pessoa pode conseguir entender o que se sente e podendo ser capaz de ter um insight sobre essas experiências expressadas por ele e a representação deste sentido nessa construção de sua obra. Com isso, o ato de fazer a atividade que lhe é apresentada se propõe como intervenção no trabalho de construção no ato de se conhecer e de descobrir de um novo olhar próprio e como se enxerga no mundo em sua volta (ANDRADE, 2000).

Outro tópico que se funde entre as diferentes metodologias diversas é a importância do psicólogo como um intermediador desse processo para a formulação desse pensar e fazer a atividade proposta, de maneira que lhe traga prazer e criação em sua produção artística (ANDRADE, 2000).

O ato de estar ali se doando para o processo irá ajudar esse indivíduo a construir novos conceitos de interpretação e entendendo a sua capacidade mesmo inerente em abraçar essa criação de uma forma de se comunicar com o outro e interagir com os papéis de cada uma delas e relacionar o que foi capaz de produzir e de colocá-los de uma forma que consiga a terapêutica de entender a sua conexão com o seu papel dentro daquele contexto. Desse modo, o foco da arte como técnica para o psicólogo vai muito além do que algo com olhar da expressão, e sim como a expansão desse novo conceito de entender o ser humano como um todo, com um olhar capaz de criar suas emoções de outras formas (OSTROWER, 2004).

A arte é um processo de inventar novas formas de se enxergar, um conceito feito pelo filósofo italiano Luigi Pareyson, que entende a tarefa artística como um fazer, sendo almejado o ser, um jeito novo do olhar, dessa forma o ato de fazer, construir

essa arte mesmo de maneira aleatória e indefinida traz algo feito e subjetivo desse indivíduo (REIS, 2014).

No olhar histórico-cultural em Psicologia, a tarefa criativa é entendida como uma construção onde esse indivíduo se reestrutura de uma forma com a sua vivência, organizando de outra maneira, as suas formas de se enxergar e viver o novo em sua vida (VYGOTSKI, 1990).

Vygotski nessa tarefa de construir esse novo eu, e o que é de suas experiências e transformando-as em um novo conceito a partir de suas criatividade, dessas ideias, seja capaz de trazê-las para o consciente, um novo conceito de visão se forma nesse indivíduo e passa a entender de uma forma ampla esse novo construir e de seu pensar, no seu avanço potencializador à forma da qual se veio ao mundo (ZANELLA et al., 2003).

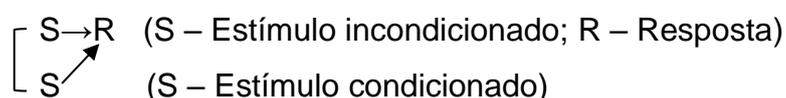
Vygotski (1998), no seu livro “Psicologia da Arte”, ressalta a importância da tarefa artística, que tira da vivência o instrumento necessário para construir situações que contribuam para externalizar essas vivências. Mesmo não sendo uma citação no estudo da arteterapia, seus apontamentos sobre o poder transformador transcorrem esta área de estudo.

O intuito primordial da arteterapia é trazer de volta na vivência do indivíduo, aquilo que contribua na construção de algo latente de forma que seja capaz de expandir essa forma que conte a sua história através da vida que lhe entrega, transformando-se assim em artista da própria vida. Acontece em uma existência paralela, devido a arte ser uma conexão entre dois mundos no indivíduo, captando e configurando suas relações internas e externas. O psicólogo permeando-se no compreender artístico fundamenta a noção da arte como tarefa expressiva e de formação. Não se tratando somente de algo do indivíduo, da extração de sentimentos em uma visão artística, mas uma metamorfose pela arte, de sua resignificação em outras maneiras, de forma que o sujeito reescreve sua história ao criar uma obra artística (CIORNAI, 1995).

3 ANÁLISE DO COMPORTAMENTO (AC)

Na vanguarda dos estudos de comportamento observa-se o trabalho de Ivan Pavlov, que, nos primórdios do século XX, fez um experimento de salivação com um cão. Ao alimentar o cachorro ele soava uma campainha por 5 segundos, sendo oferecido comida logo após. Dessa forma foi emparelhado o som com a comida, repetindo essa operação por 50 vezes. Pavlov observou que quando o som era apresentado sozinho, o cão respondia a esse estímulo com a salivação. Desse modo a demonstração na relação funcional entre som-alimento evidenciou uma resposta condicionada por emparelhamento de estímulo, posteriormente conhecida como condicionamento respondente ($S \rightarrow R$) (STURMEY, 2008; MILLENSON, 1975).

Rescorla (2014), demonstra que a aprendizagem no condicionamento pavloviano é associativa, comprovando através dela que um organismo assimila a interação entre dois eventos no meio que o cerca. Sendo que um deles é o estímulo incondicionado, tendo muita relevância para a conservação do organismo; o outro é o estímulo condicionado, tem maior importância com a experiência na aprendizagem. Como efeito do emparelhamento, sucede a mudança de inúmeros aspectos do comportamento no organismo.



O criador da Análise do Comportamento foi Burrhus Frederic Skinner, que produziu muitos trabalhos de grande relevância para a psicologia. A Análise do Comportamento é uma abordagem psicológica, que busca compreender o ser humano a partir de sua interação com seu ambiente. Portanto, sua área de investigação é conceitual, empírica e aplicada ao comportamento (AZEVEDO, 2016).

A análise do comportamento é uma ciência com base nos fundamentos e princípios do behaviorismo. A divisão 25 da American Psychological Division é dedicada à área de análise de comportamento. A Divisão 25 explica que essa análise do comportamento pode ocorrer de três maneiras diferentes. Em primeiro lugar, através da investigação experimental do comportamento. Em segundo lugar, por meio de análise aplicada do comportamento. Este processo envolve tomar o que os pesquisadores sabem sobre o comportamento e aplicá-lo em contextos individuais, sociais e culturais. Finalmente, através da análise conceitual de comportamento. De

acordo com a Divisão 25, este aborda as questões filosóficas, históricas, teóricas e metodológicas na análise do comportamento (AZEVEDO, 2016).

Para a Análise do Comportamento, o ambiente refere-se ao mundo físico (as coisas materiais), ao mundo social (interação entre com outras pessoas), a nossa história de vida e a nossa interação consigo mesmo. Portanto pessoas que estão no mesmo lugar, podem ter diferentes compreensões. Sendo assim, nessa visão, tentamos identificar como os indivíduos interagem com seu ambiente a partir dos conceitos de condicionamento Pavloviano; discriminação de estímulos, esquemas de reforçamento; condicionamento operante, entre outros, para tentar prever sob quais circunstâncias o comportamento tem maior probabilidade de ocorrer e controlar o comportamento, por meio de intervenções (MOREIRA; MEDEIROS, 2007).

O conceito da Análise do Comportamento entre seus braços (Behaviorismo Radical, Análise experimental do Comportamento e Análise Aplicada do Comportamento), menos no condicionamento respondente, é que as consequências de tal comportamento anterior e reconheceram esses comportamentos. Sobretudo, se alteramos as consequências do comportamento no agora, o comportamento certamente na maioria das vezes se modificará (manejo do comportamento), em consequência de influências anteriores, os comportamentos no agora são equilibrados por seus estímulos antecedentes (ocorrências) e por seus estímulos consequentes (ou resultados). Portanto a análise do comportamento estuda as interações das pessoas com seus ambientes, para entender por que as pessoas se comportam da maneira que se comportam em determinadas situações (MOREIRA; MEDEIROS, 2007).

Análise do Comportamento utiliza princípios de aprendizagem para fazer mudança de comportamento. Ela tem aplicações práticas em tratamento de saúde mental e psicologia organizacional, focada em ajudar crianças e adultos a aprenderem novos comportamentos ou reduzirem problemas de comportamento. Sendo assim é usada para construir habilidades em crianças e adultos com deficiência, aumentar as competências acadêmicas em contextos escolares e melhorar o desempenho dos funcionários (AZEVEDO, 2016).

E Análise Aplicada do Comportamento, a ramificação que interliga à produção de artifícios de intermediação na sociedade. Vista como

O campo de intervenção planejada dos analistas do comportamento. Nela, estariam assentadas as práticas profissionais mais tradicionalmente identificadas como psicológicas, como o trabalho na clínica, escola, saúde pública, organização onde mais houver comportamento a ser explicado e mudado (CARVALHO NETO, 2002, p.5).

A essência da Análise do Comportamento é, então, evidenciar interações funcionais entre os comportamentos dos indivíduos e suas consequências. Portanto, o reconhecimento de interações é conhecido como análise funcional ou análise de contingências. A análise de contingências, busca identificar o comportamento e suas consequências; alterar as consequências e ver se houve mudança no comportamento. Dentro da análise de contingências, deve-se observar a tríplice contingência, responsáveis pela aquisição e manutenção de repertórios comportamentais. Sendo eles: Filogênese – essa relação com o ambiente segue-se do desenrolar da espécie humana com os outras. Nos atributos biológicos e alguns modelos de comportamento, como por exemplo, os nossos comportamentos reflexos e padrões fixos de ação que são definidos pela filogênese. Desta forma, alguns comportamentos podem ser assimilados pelos indivíduos, outros não, como não poder voar como um pássaro. Ontogênese individual- esse grau de esfera refere-se à moldagem do comportamento pela relação objetiva com o ambiente no decorrer do ato de viver do indivíduo. Entendendo o processo de aprender por históricos privados com o meio ambiente. Com isso, o comportamento é moldado através das consequências, pendendo da consequência de uma resposta esse comportamento pode vir a se repetir ou não (MOREIRA; MEDEIROS, 2007).

Por sua vez, a ontogênese sociocultural, se refere ao fato de que nosso comportamento está diretamente relacionado com os vários grupos dos quais participamos durante nossa vida. Aponta que nossos comportamentos a respeito de como nos vestir, os valores que nós guardamos e até aos preconceitos que temos, são definidos pela ontogênese sociocultural (MOREIRA; MEDEIROS, 2007).

De acordo com Skinner deve-se levar em conta a contingência tríplice, para análise mínima dos comportamentos. Para descrever as contingências, utilizam-se as letras S-R→S, onde o S simboliza o estímulo ambiental, antecedente, o R, o comportamento, a resposta, a seta (→) significa a relação de alteração entre o

estímulo e resposta e a frequência alta S^\uparrow , estímulo consequente (MOREIRA; MEDEIROS, 2007).

Sendo então, o estímulo S evoca a resposta R, que gera uma consequência Sc. O estímulo S são as circunstâncias, as respostas são instâncias do comportamento aprendido, sendo explícito ou implícito (privado ou público) e o estímulo consequente Sc, vem depois do comportamento, podendo ser estímulo positivo ou negativo ou ausência de consequência. Buscando relações entre o comportamento e o ambiente e funções do comportamento. Na prática para se referir a análise do comportamento utiliza-se dos termos Terapia Analítico Comportamental ou Terapia Comportamental, para referenciar a psicoterapia ancorada na análise do comportamento (MOREIRA; MEDEIROS, 2007).

A terapia tem raízes filosóficas no Behaviorismo Radical, portanto, sua base ou campo filosófico é o behaviorismo radical, caracterizado como, conjunto de postulados que ambicionam estabelecer um modelo de entendimento do comportamento humano. Em seguida, a Terapia Comportamental tem a esfera de saber, onde se encontra a Análise do Comportamento, utilizando-se da filosofia de Skinner para interpretações dos fenômenos, compreensão do comportamento como interação entre indivíduo e ambiente, e para realizar intervenção em eventos de interesse (MOREIRA; MEDEIROS, 2007)

Então, a AC é uma produção filosófica, reflexiva e interpretativa, empírica e aplicada e, posteriormente, vem a terapia comportamental que é o campo prático, a aplicação das distribuições teóricas da análise do comportamento, psicoterapia. Portanto compreender a análise do comportamento implica em estudar os comportamentos, o ambiente e suas consequências, entendendo por que as pessoas se comportam da maneira que se comportam, em determinadas situações (BOAVISTA, 2012).

3.1 A EMOÇÃO NA ANÁLISE DO COMPORTAMENTO

O conceito que Skinner (1970) usou para dizer sobre emoções adicionou uma classificação para o comportamento, como uma interação à situações adversas que interferem na sua ocorrência. Existe uma padronização nessa relação meio-indivíduo, entendendo que essas vivências geram um contexto para seus comportamentos.

Dessa forma, observou os motivos que podem ser explicados ao acontecimento, nas atribuições do meio que os cercam, fazendo com que o indivíduo sinta os sentimentos, mesmo que existam espaços no comportamento nos quais o Behaviorismo não conseguiu fechá-los e podendo ser complementados com o olhar da fisiologia. O foco está nas interações funcionais com o meio, sendo elas anteriores ou posteriores ao evento, entendendo essa relação do indivíduo com as suas respostas quer sejam elas públicas ou privadas (SKINNER, 1991).

O ambiente é entendido como tudo que possa interferir, o meio que cerca este indivíduo, e quando existe uma mudança fisiológica, no corpo desse indivíduo está relacionado com o seu meio. Desse modo, o indivíduo estabelece uma nova interação com o meio (SKINNER, 1970).

O que acontece no corpo do indivíduo não explica o que sucede no seu dia a dia, entendendo que ele é um processo do meio, pois o resultado de suas vivências interfere no início de suas reações internas ou privadas. Contudo, entende-se que o indivíduo deve ser investigado em âmbito geral, pois se observou que ele não é somente um processo de relações internas ou privadas, mas sim como um todo em suas interações com o meio (SKINNER, 1991).

Para que entendamos um comportamento devemos observá-lo em âmbito geral, no contexto profissional de análise como ciência e investigações subjacentes da teoria com a prática nas vivências experimentais, sendo elas físicas ou biológicas (SKINNER, 1979).

As respostas emocionais são capazes de eliciar respostas das glândulas, dos músculos lisos e das vísceras, por intermédio do sistema nervoso autônomo. Essas respostas sempre serão acompanhadas com questões fisiológicas do nosso organismo (SKINNER, 1970; MILLENSON, 1975).

Millenson (1975), através de suas observações, entendeu de maneira bastante parecida com Skinner (1974), que as emoções são geradas por mudanças do comportamento em decorrência da interação com o meio que o cerca. Quando se observa o indivíduo de maneira ampla, somos capazes de entender que os seus comportamentos estão ligados com a questão fisiológica do organismo, tendo a necessidade de fazer uma junção desta investigação do comportamento com a sua questão biológica (SKINNER, 1974; MILLENSON, 1975).

Quando Mazur (2013) evidencia a dificuldade de ter, de fato, uma mensuração de certos comportamentos, e entendê-los como uma forma de estudo, pois compreendeu o comportamento como uma totalidade que fabrica uma dificuldade, já que cada indivíduo possui sua subjetividade.

Mas, em um âmbito geral, é possível relacionar certos acontecimentos fisiológicos esperados em decorrência do comportamento, já que, mesmo tendo essa diferenciação entre indivíduos, existem interações esperadas que podem acontecer em qualquer organismo (que são os processos neurofisiológicos), que geram a sensação e as emoções (SKINNER, 1957; MILLENSON, 1975; MAZUR, 2013).

Existe um ciclo esperado de acontecimentos comportamentais, que são gerados através da interação do organismo com o meio. Essas interações geram consequências que geram respostas em cima desse ambiente com suas relações com o indivíduo (S - R → S). Quando isso ocorre, geram questões de mudanças fisiológicas no organismo (SKINNER, 1986).

Essa construção biológica do indivíduo gera fatores que influenciam no comportamento do mesmo, que acarretam algo que pode ser esperado nas respostas privadas e públicas, entendendo que essas interações são averiguadas na análise funcional do comportamento-indivíduo. Para que se entenda a aplicação na esfera da emoção, temos que entender o que eliciou a resposta emocional, já que não se refere somente a uma resposta do comportamento, mas sim entendendo de uma forma mais ampla, correlacionada à questão fisiológica esperada deste indivíduo (SKINNER, 1957).

Pavlov, no começo do século XX, através de um experimento com um cachorro, foi capaz de evidenciar emparelhamentos de estímulos, para que a modificação do condicionamento respondente aconteça ao estímulo dado do som com a comida e a salivação, precisa acontecer novos estímulos de emparelhamentos para que a modificação do comportamento ocorra. Essa relação funcional demonstrada na pesquisa foi capaz de trazer novos conceitos às situações que interferem nos receptores sensoriais de um organismo. Evidencia-se a interação funcional mediando o número de pareamento tom-comida e a conquista de resposta condicionada (MILLENSON, 1975; STURMEY, 2008).

A forma de interação de processos respondentes e operantes gera as emoções. Podemos perceber tal efeito quando uma pessoa sofre um acidente e acarreta dor na fratura, percebemos que esse estado do organismo gera questões emocionais, provocando alterações em suas respostas, pelos estímulos fisiológicos gerando ansiedade (CATANIA, 1999).

As percepções do nosso organismo geram as emoções. Essas sensações são geradas no sistema nervoso interoceptivo, no sistema nervoso proprioceptivo e no sistema nervoso exteroceptivo. Sendo eles indispensáveis para o equilíbrio do indivíduo e muitas vezes, na diminuição interna de certos fatores para relacionar com as contingências. Existe um emaranhado de relações funcionais que controlam os estímulos internos ou externos do indivíduo, trazendo uma continuação no controle para o corpo. A falta de estudos relacionados a emoção interfere na construção de novos estudos subjacentes nas áreas fisiológicas e comportamentais (SKINNER, 1999).

O indivíduo é composto por vivências, sendo essas primordiais para a investigação das suas emoções. A alegria e a tristeza interferem nas vivências totais de um organismo. A tristeza deprime e a alegria excita. Esses estados, com suas respectivas oscilações e potências, interferem, muitas vezes, para a demanda de classificação topográfica, evidenciando certos transtornos comportamentais, sem, de fato, explicar seus estados. Nesta perspectiva, um exemplo que podemos dizer é: a pessoa que chora de alegria quando ganha na loteria e outra que chora quando perde um animal de estimação (SKINNER, 1970).

De um modo mais específico, as fobias interferem no repertório do organismo. Assim entendendo que, esse processo vem antes que a emoção aconteça. Um exemplo seria o indivíduo com agorafobia em um espaço arejado, deste modo, a consequência seria a mudança do comportamento de estar neste local (SKINNER, 1970). Mas, isto pode ter sido ocasionado pelo fato deste indivíduo ter sido resgatado de uma enchente, e mesmo em outros ambientes, ele conseguir se sobressair. Estas intercorrências normativas resultam em ansiedade, mostrando o emparelhamento de estímulos aversivos em determinados comportamentos (STAATS, 1996).

Para que se entenda a emoção, devem-se entender as condições privadas e externas deste indivíduo, pois seu corpo pode dizer muito sobre como estas

intercorrências comportamentais serão capazes de alterar nestas topografias. Existe, muitas vezes, uma interação entre os processos respondentes e operantes. Quando esta interação acontece entre esses dois processos, entende-se como processos emocionais (CATANIA, 1999).

Há três fundamentações para se explicar as funções dos estímulos, na teoria do behaviorismo psicológico $S \rightarrow R$, S (discriminativo) e S (positivo/negativo). Essas três funções são, nesta ordem: provocar respostas de cunho emocional, reforçar e conduzir os comportamentos, sejam eles, discriminando para aproximar (caso sejam apetitivos) ou para preparar o organismo para fuga ou esquiva (caso sejam aversivos). Quando a contingência é evidenciada para o comportamento, um estímulo pode eliciar uma resposta emocional, e reforçando o comportamento de proximidade quando é algo positivo ou de fuga/esquiva se for negativo. O reforço acontece independentemente dos resultados sobre o comportamento, e se torna diferente da indução da peculiaridade de incentivo (propriedade diretiva) (STAATS, 1996).

Ainda de acordo com o Staats (1996), a causa do comportamento está na relação com o ambiente. Esta estrutura biológica e evolutiva do indivíduo permite que o indivíduo possa ter as chamadas “respostas emocionais”, que não são adquiridas ou aprendidas, mas são respostas reflexas do organismo.

A relevância da interação entre emoção e reforço, vem de como o organismo se reforça para adquirir e manter os comportamentos, pelos quais influenciam e reforçam aquilo que aconteceu. Esta interação do indivíduo estimula e elicia e intensifica a emoção, e esses são alicerces primordiais nesse contexto de reciprocidade ao meio de um condicionamento clássico e operante para as respostas, sejam elas de âmbito psicológico e neuropsicológico. A nossa emoção tem função adaptativa e de grande importância para a sobrevivência dos indivíduos. Por meio das emoções, os comportamentos podem ser conduzidos e levar os indivíduos a realizar ações como de se aproximar de certo acontecimento, ou então evitar, lutar ou fugir (STAATS, 1996).

3.2 ANSIEDADE PARA A ANÁLISE DO COMPORTAMENTO

Alguns comportamentos tornam-se mais ou menos prováveis do que outros devido às consequências que os seguem. Esse tipo de comportamento opera sobre o

ambiente e produz consequências. A alteração no comportamento resulta em um processo de seleção de classes de respostas, um processo denominado fortalecimento operante (CATANIA, 1999).

A abordagem funcional, difere significativamente da visão tradicional, de forma tão intensa quanto difere a seleção e o criacionismo na explicação da diversidade de vida na terra. Uma pessoa ansiosa pode apresentar alguns comportamentos como: aumento dos batimentos cardíacos, respiração acelerada, transpiração excessiva, dores no estômago, mal-estar generalizado, sensação de morte ou desmaio. Outros comportamentos que podem ser apresentados são: vontade irresistível de fugir do ambiente no qual a crise de ansiedade esteja acontecendo. Como as sensações são intensas, a pessoa tende a ignorar o ambiente no qual está, e focar-se nas reações fisiológicas que está sofrendo. Baseado nisso, esta pessoa realizará o que puder para que essas reações fisiológicas assustadoras, não mais aconteçam (SKINNER, 1991).

Por este motivo, as pessoas com transtorno de ansiedade muito forte, tendem a procurar consultas médicas, e realizam toda a sorte de exames, bem como tomam todos os remédios que podem para se verem livres de tais sensações. Elas são propensas a acreditar que se comportam de determinada maneira (evitando lugares públicos, como exemplo) por causa das sensações que experimenta (SKINNER, 1991).

A fisiologia se encarrega de estudar os vínculos entre o organismo e o ambiente, quando se diz respeito aos reflexos que provém do sistema nervoso autonômico. Esses reflexos, entretanto, são também interessantes para a psicologia, pois envolvem o estudo dos reflexos emocionais, que, ao que tudo indica, foram herdados dos antepassados como uma resposta do organismo diante dos eventos aversivos (SKINNER, 1974; MARTIN; PEAR, 2009; TODOROV, 2012).

Skinner (1974) observou que a cada vez que o evento que antecede a resposta não pode ser reconhecido, a pessoa vai conferir maior importância à condição que sentiu. Um exemplo pode ser observado a seguir: todas as vezes em que sentir medo, mas não souber exatamente o porquê, essa pessoa vai atribuir ao medo o seu comportamento. Para se compreender o motivo do medo, é necessário realizar uma análise funcional das respostas, para compreender as contingências que lhe envolvem (LUNDIN, 1977).

Ao se estudar o comportamento das emoções, é possível combinar os processos operantes e os processos respondentes da seguinte forma: um estímulo que avise um possível choque pode afetar o comportamento que está sendo mantido pelo choque em si. É a mesma lógica do experimento realizado por Pavlov, esta afirmação foi evidenciada a partir de um experimento sobre ansiedade, no qual o estímulo que sinalizava o choque foi investigado de forma mais direta no que diz respeito às respostas autonômicas que podiam ser observadas diretamente, tais como o tremor e transpiração excessiva, que aconteceram como respostas incondicionadas em relação aos estímulos antecedentes (CATANIA, 1999).

Estes e Skinner (1941) foram os pioneiros em um estudo experimental relacionado à ansiedade. Utilizando um rato, eles conseguiram modelar a forma como o animal respondia pressionando a barra. O intervalo variável da pesquisa era de dois minutos e o reforço oferecido era comida.

Após algum tempo, eles adicionaram um estímulo sonoro, de duração de três minutos, em conjunto com um choque elétrico, que seria aplicado na pata posterior do rato caso ele pisasse na barra. Ou seja: ele tinha aprendido a pressionar a barra para conseguir comida. Mas, após um tempo foi adicionado um “barulho” ou “som”, seguido por um choque, caso ele pressionasse a barra. O resultado mostrou que a pressão na barra diminuiu quando soava o “barulho” (estímulo sonoro), demonstrando que esse foi correlacionado com o choque elétrico (ESTES, 1941; SKINNER, 1941; CATANIA, 1999;).

Isto significa que o barulho (estímulo sonoro) indicava outro estímulo aversivo, a saber, o choque elétrico, e as manifestações de resposta foram inibidas pelo som. Na continuação do experimento, os pesquisadores fizeram um intervalo de duração indefinida, antes que o estímulo sonoro aparecesse novamente. Desta vez, quando o estímulo sonoro aparecia, demorava apenas um minuto antes do choque (ESTES, 1941; SKINNER, 1941; CATANIA, 1999).

Eles denominaram de resposta emocional condicionada (CER - Conditional Emotional Response), o decréscimo na frequência de respostas ao estímulo sono. Porém, foi observado que quando o choque deixava de acontecer depois do estímulo sonoro, o rato voltava a recuperar a frequência de pressão na barra. Mas o choque voltava a aparecer de forma inevitável. Como resposta a isso, o animal ficava

amedrontado com “resposta à barra de pressão” (ESTES, 1941; SKINNER, 1941; SKINNER, 1991; SIDMAN, 1995; CATANIA, 1999).

Foram observados outros comportamentos do rato durante o estímulo sonoro “barulho” que antecedia o choque: o animal teve aceleração dos batimentos cardíacos, bem como hiperventilação, tremores, pelo eriçado, entre outros. (SOLOMON, 1967; LUNDIN, 1977; SKINNER, 1991; RESCORLA; SIDMAN, 1995; CATANIA, 1999;).

As perguntas que surgiram na cabeça dos pesquisadores foram as seguintes: qual a explicação para o fato de que o animal deixou de pressionar a barra? Por que sentiu todas aquelas alterações fisiológicas? Será que era possível falar que o animal estava ansioso? Se sim, isto também era explicação suficiente para o fato de que ele deixou de pressionar a barra e apresentou todas as reações fisiológicas? Mesmo que o movimento de pressionar a barra ainda trouxesse alimento, o animal parava assim que ouvia o estímulo sonoro e apresentava todos os sinais que hoje são caracterizados pelo DSM como sintomas de um ataque de pânico (CATANIA, 1999).

Mesmo que o resultado sobre o experimento é deixar de pressionar a barra, porque estava com medo, ser evidenciado como respostas de medo ou de ansiedade, entende-se que estas não são as causas e também não conseguem explicar o comportamento do animal, já que é preciso fazer uma análise funcional de todo o seu ambiente, para assim entender a causalidade dos fatos que chegaram até esta emoção (CATANIA, 1999).

Por mais que gerem resultados de uma forma negativa sobre o comportamento, a ansiedade e o medo não podem explicar esses efeitos. Para que seja considerada uma emoção, é necessário possuir respostas diferentes de um evento (SKINNER, 1974). Para que seja considerada a definição do termo ansiedade, é necessário evidenciar o evento pré-aversivo, desse modo por possuir um conjunto de respostas comuns que serão capazes de definir as topografias do indivíduo (SKINNER, 1970).

Esta interação induz respostas biológicas e diminuem a chance da resposta que continua por reforçamento positivo. Estes estados biológicos podem paralisar por um tempo o indivíduo de maneira motivacional quando apresentado a consequência. Essas respostas biológicas, muitas vezes, adicionam, mesmo que pequenas,

consequências na circunstância emocional e por isso não devemos desprezá-las (SKINNER, 1970).

As respostas emocionais são compostas das reações e reflexos dos sistemas digestivo, circulatório e respiratório. Todos esses reflexos que atuam aí são controlados pelo sistema nervoso autônomo. Diante de um acontecimento hostil somos capazes de reagir de maneiras diferentes no meio que nos cerca. As reações aparecem no corpo por meio de uma mobilização para luta ou fuga. A adrenalina sai das glândulas suprarrenais e entram na corrente sanguínea, causando o aumento dos batimentos cardíacos e a hiperventilação (MARTIN; PEAR, 2009).

A frequência cardíaca acelerada permite que haja mais oxigênio no sangue, e a sensação de “frio no estômago” é causada pelo fato de que o sangue aflui para os músculos dos membros superiores e inferiores, para dar mais impulsionamento caso seja necessário fugir ou lutar. As glândulas salivares sofrem alteração e como consequência, a boca fica seca. Outra reação que pode acontecer é a perda do controle do intestino e da urina. Todas as respostas emocionais foram essenciais para que o ser humano conseguisse sobreviver desde os tempos remotos (MARTIN; PEAR, 2009).

As respostas atuais a determinados eventos presentes podem ser úteis para explicar eventos antecedentes. E essa situação aversiva se for acompanhada de algum estímulo verbal, pode ser que posteriormente o estímulo verbal, por si só, elicie a resposta. Como exemplo: se uma pessoa tem medo de cobra, e em alguns momentos lhe for apresentada a cobra em si, junto com o estímulo verbal “cobra”, pode ser que mais adiante, o simples nome da cobra lhe provoque as mesmas reações emocionais que ela sente ao ver uma cobra. O que acontece é que o estímulo verbal se emparelha com o estímulo aversivo e pode passar a apresentar função eliciadora (SKINNER, 1957).

A pessoa que começa a sofrer com essas respostas do seu organismo, nem sempre consegue entender porque eles ocorrem, e que a cada vez mais vão se tornando mais pertinentes no decorrer do seu dia. Ocorre um ciclo recorrente, no qual a pessoa se assusta com suas próprias reações corporais e reage a elas ficando mais ansiosa, o que perpetua o problema. Quando o indivíduo é ameaçado, o organismo experimenta efeito nestas condições ambientais que o ameaçam. A ansiedade

acontece quando algum evento aversivo está prestes a acontecer e não tem como escapar disso. A resposta a esse evento pode ser chamada de “ansiedade”, mesmo que na literatura ainda não se tenha um conceito único do que seria, de fato, a ansiedade (SIDMAN, 1995).

As pessoas sempre querem explicar a ansiedade e o medo como causas, mas o fato deste indivíduo com algo que estimule aversivamente pode dizer se o comportamento é de fuga ou de esquiva. O comportamento de fuga se manifesta quando a resposta consegue eliminar o estímulo aversivo. O comportamento de esquiva se manifesta quando a resposta consegue evitar ou adiar o estímulo aversivo. O comportamento de fuga ou esquiva permite reduzir o estado ameaçador interno e impede que se busque a verdadeira fonte de controle (REESE, 1973; SIDMAN, 1995).

Para que os limites evolutivos de cada espécie definam quais as suas reações específicas de defesa, o comportamento é determinado pelas condições evolutivas, e por este motivo, cada organismo se defende da maneira que as suas possibilidades físicas permitem (CATANIA, 1999).

A experimentação dos estados privados como “sentimentos”, acarreta no fato de se omitir da responsabilidade de procurar a verdadeira causa da desordem interna. Também possibilita que se enxerguem os sentimentos e a ansiedade como causa e não como consequência de algum evento antecedente (SIDMAN, 1975).

Mesmo estando claras, as funções biológicas ativadas no quadro a que chamamos de ansiedade, é necessário que o indivíduo consiga verbalizar as suas sensações internas. Por este motivo, durante seu trabalho, o psicoterapeuta de abordagem behaviorista aceita grande variações de verbalizações enquanto o cliente relata suas experiências (SKINNER, 1974).

4 DISCUSSÃO

A Arteterapia concede vários ganhos para o ser humano, como parte de um autoconhecimento individual e social, uma aceitação maior por si próprio, aumento na autoestima, na saúde, no contentamento de se sentir bem e ver as coisas com novas percepções (CARDOSO; MUNHOZ, 2013). A arteterapia aparece em diferentes abordagens teóricas, algo em concordância com as outras teorias: o manejo da arte para a obtenção de emoções privadas e externas (REIS, 2014). O conceito primordial é que a expressão artística evidencia a importância de utilização da mesma a fim de se entender melhor, quando a fala não é suficiente para demonstrar as vivências privadas, trazendo a reflexão na construção da sua individualidade (CIORNAI, 1995).

Para o psicólogo clínico Liomar Quinto Andrade, autor do livro *Terapias Expressivas*, originado de seus estudos de doutorado pela USP, a arte, de maneira metodológica, ajuda no processo terapêutico e educacional e favorece na construção de ferramentas primordiais e essenciais para o atendimento clínico, mostrando algumas hipóteses principais para o uso da arteterapia. Em primeiro lugar entendendo o homem em sua individualidade de emoções privadas e públicas, através da arte e de suas potencialidades de externar o seu cotidiano. Cada abordagem vai se utilizar dessa capacidade expressiva de uma forma diferente, sendo ela teoria, uso em arteterapia e terapia expressiva. Em segundo lugar por intervenção de criar arte, exteriorizar, o terapeuta constrói um vínculo com o cliente viabilizando o conhecimento de si próprio, a desenvoltura de processos individuais e de convivência e o avanço geral da personalidade (ANDRADE, 2000).

Já o psicólogo que trabalha no conceito da Análise do Comportamento com seus eixos de estudos no (Behaviorismo Radical, Análise experimental do Comportamento e Análise Aplicada do Comportamento), menos na parte do condicionamento respondente, é que as consequências de tal comportamento anterior e como foram capazes de reconhecer esses comportamentos. Sobretudo, se alteramos as consequências do comportamento no agora, o comportamento certamente na maioria das vezes, se modificará (manejo do comportamento), em consequência de influências anteriores, os comportamentos no agora, são equilibrados por seus estímulos antecedentes (ocasiões) e por seus estímulos consequentes (ou resultados). Portanto, a análise do comportamento estuda as

interações das pessoas com seus ambientes, para entender por que as pessoas se comportam da maneira que se comportam em determinadas situações (MOREIRA; MEDEIROS, 2007).

Mais a atribuição terapêutica da arte dentro da clínica como apoio seria a forma de extravasar as emoções internas que não eram ditas nas formas costumeiras pelas pessoas que estavam perdidas no seu inconsciente, para além da possibilidade de se identificar dentro de um contexto racional. Para ela, o papel do terapeuta era de introduzir junções entre figuras que trazem o inconsciente e os aspectos emotivos vivenciados pelo paciente (SILVEIRA, 2001).

O conceito que Skinner (1970) usou para dizer sobre emoções adicionou uma classificação para o comportamento, como uma interação a situações adversas que interferem na sua ocorrência. Existe uma padronização nessa relação meio-indivíduo, entendendo que essas vivências geram um contexto para seus comportamentos.

Millenson (1975), através de suas observações, entendeu de maneira bastante parecida com Skinner (1974), que as emoções são geradas por mudanças no seu repertório de comportamento em decorrência da interação com o meio que o cerca. Quando se observa o indivíduo de maneira ampla, somos capazes de entender que os seus comportamentos estão ligados com a questão fisiológica do organismo, tendo a necessidade de fazer uma junção desta investigação do comportamento com a sua questão biológica (SKINNER, 1974; MILLENSON, 1975).

Outro tópico que se funde entre as diferentes metodologias diversas é a importância do psicólogo como um intermediador desse processo para a formulação desse pensar e fazer a atividade proposta, de maneira que lhe traga prazer e criação em sua produção artística (ANDRADE, 2000). Um conceito necessário aos trabalhos com arte são as histórias contadas através de figuras, a pessoa pode conseguir entender o que se sente e podendo ser capaz de ter um insight sobre essas experiências expressadas por ele e a representação deste sentido nessa construção de sua obra. Com isso, o ato de fazer da atividade que lhe é apresentada se propõe na intervenção do trabalho de construção do ato de se conhecer e de descobrir de um novo olhar próprio e como se enxerga no mundo em sua volta (ANDRADE, 2000).

Percebe-se a relação da arteterapia em diferentes teorias e relações estabelecidas para aprofundar a sua prática em diferentes contextos e Ciornai (2004)

evidencia tal ensino nas teorias cognitivo-comportamentais, falando da seguinte forma:

Por outro lado, para pessoas tímidas ou com problemas de relacionamento, compartilhar seus desenhos e ouvir os comentários dos outros sobre seus trabalhos facilita o vínculo, seja com o terapeuta, seja com os demais colegas de um grupo, além de proporcionar à pessoa a experiência de sentir-se “vista”, “compreendida” e apreciada. Pessoas com baixa autoestima ou muito envergonhadas beneficiam-se extremamente desse tipo de atividade. (CIORNAI, 2004, p. 78).

Uma das razões que contribui em um modelo de grande relevância para ter algo que possa melhorar é deixar abertos à novas situações. Qualquer transformação para acontecer deve mudar como tem se comportado na sua vida. Quando a transformação acontece, pode ser em uma forma de pensar, comportamento, escolhendo, planejando, entre outros fatores.

O exercício artístico pode ser direcionando em diferentes vertentes, sejam elas na Psicanálise com o seu inconsciente e suas pulsões, no expressar do self na Psicologia Analítica, na figura e fundo do contato na autopercepção na Gestalt- terapia ou na Análise do Comportamento onde o comportamento expressa tudo, o poder artístico se mostra em todas as metodologias apresentadas como um meio de se relacionar com os conteúdos internos desse paciente através do falado através da arte.

A produção desse indivíduo, é em todas as vezes, entendido no que se reflete desse ser, de uma forma mais subjetiva e complexa de dizer sobre suas emoções, anseios, ideais, sentidos e morais. Essa construção, como algo de arte, pode se entender como um quase sujeito, termo empregado por Dufrenne para retratar essa briga do interno e externo desse sujeito, quando essa arte é criada ele acaba descobrindo no ato de fazer e de descobrir dessa arte. Sobretudo que, esse desenrolar com seus conteúdos internos e externos, ajuda na função da criação e sendo primordial para a função terapêutica no fazer da arte, se descobrindo e redescobrimo em novos repertórios, podendo assim dizendo se reinventando através de novas vivências (DUFRENNE, 2008).

Quando entendemos o comportamento estimulado mediante a sua emoção, é provavelmente incondicionado, visto que demandas emocionais estejam sendo vistas primordialmente como respondentes, com foco nos estímulos que norteiam eventos

aversivos, negativos ou aflitivos que trazem respostas subjetivas. Embora se referirmos as emoções, em muitas situações, o referido estará não somente em causas de aliciamento de estímulos na construção de respostas individuais, sem discriminar de certas circunstâncias, visto que situações emocionais não estão ligadas somente ao controle aversivo, mas em uma forma mais abrangente desse comportamento (HINELINE, 1984).

Nesse caso poderíamos fazer a pergunta, o ato de procurarmos que o paciente molde seu comportamento com novos repertórios, de se enxergar com um novo pensar e de se ver de uma nova maneira, para que melhore a sua qualidade de vida, sendo o resultado final esperado de qualquer processo terapêutico?

Com esta pesquisa, almeja-se proporcionar certos questionamentos à cerca da arteterapia, podendo ser utilizada como ferramenta para o psicólogo da Análise do comportamento. Salientando a necessidade de realizar futuros estudos nesse sentido, para propiciar aos psicólogos, novas técnicas da Arteterapia como ferramenta de trabalho, para o processo terapêutico em pacientes com ansiedade, abrindo novos olhares e sendo capaz de expandir seu espaço de ação e funcionalidade na sociedade.

5 CONSIDERAÇÕES FINAIS

A maior vantagem em trazer relatos à cerca da Arteterapia e a Ansiedade no olhar da Análise do Comportamento, foi a de construir novos caminhos que possam ser mais pesquisados, a fim de melhorar as técnicas e modelos que podem ser trabalhados com os pacientes na clínica, mas que precisam de maior pesquisa sobre o tema, para que possa ser maior aproveitado. Dessa forma que possibilite de maneira livre e desinibida o espontâneo desse ser pensante de uma forma mais ampla e satisfatória que possa lidar com seus sentimentos internos sem se bloquear para que se consiga se manter em diferentes ambientes e se articular de uma maneira mais satisfatória com o meio e com o outro, tornando aquele estímulo aversivo em um estímulo neutro, não lhe trazendo mais emoções que respondem em seu biológico que possa te fazer mal.

As averiguações sobre positividade que a Arteterapia pode proporcionar ao homem ainda é um trabalho que necessita de muitos estudos, para que seja desenvolvido com um maior embasamento científico. Mesmo que haja plena convicção que exista realmente benefícios gerados da relação Arteterapia no controle da ansiedade, é necessário haver pesquisas científicas, no intuito de buscar comprovações que essas emoções positivas não ocorrem por acaso, mas, são as decorrências fisiológicas que ocorrem no organismo humano e gerando melhora no aspecto físico e psicológico.

Percebe-se que há inúmeras modalidades de intervenção que a arteterapia possa ser inserida, e isso faz com que se abram novas perspectivas e recursos auxiliares para os campos profissionais de educação, saúde e clínica. É visível que esta convivência harmoniosa pode trazer benefícios mútuos, sendo que o homem tem muito a ganhar com essa proximidade da arte como ferramenta de trabalho para a ansiedade.

Compreende-se que o emprego da arteterapia em terapias promove melhorias físicas, emocionais e psicológicas, pois ficou evidente que pacientes que entram em contato com a arte ampliam sua afetividade e sociabilização.

O tema de pesquisa ainda é um grande desafio, pois a Arteterapia no controle da Ansiedade, ainda é um tópico que necessita de muita dedicação em termos de pesquisa e busca por evidências.

REFERÊNCIAS

- ALVES; M. De A. **Terapia comportamental**. 2016. Disponível em: <http://www.jjire.com.br/psicologia/Principios%20basicos%20de%20Analise%20do%20comportamento%20part%202.pdf>. Acesso em: 20 de mar. de 2019
- ANDRADE, L. Q. **Terapias expressivas**. São Paulo: Vetor, 2000.
- ANDRADE, Maria Margarida de. **Como preparar trabalhos para cursos de pós-graduação: noções práticas**. 5. ed. São Paulo: Atlas, 2002. 165 p.
- ANDRIOLO, A. A “psicologia da arte” no olhar de Osório Cesar: leituras e escritos. **Psicol.: Ciên. e Prof.**, v. 23, n.4, p. 74-81, 2003.
- AZEVEDO, T. **Análise do comportamento: princípios, autores, técnicas, aplicações etc**. 2016. Disponível em: <http://psicoativo.com/2016/08/analise-do-comportamento-principiosautores-tecnicas-aplicacoes-etc.html>. Acesso em: 24 de mar. 2019.
- BOAVISTA, R. **Terapia de aceitação e compromisso (ACT):** Mais uma possibilidade para a clínica comportamental. Santo Andre: ESETec, 2012.
- BRITTO, I. A. G. S. Psicopatologia e Análise do Comportamento: Algumas reflexões. **Boletim Contexto**, v. 37, n. 2, p. 55-76, 2012.
- CARDOSO, Ângela Maria; MUNHOZ, Maria Luiza Puglisi. Grupo de espera na Clínica Escola: Intervenção em Arteterapia. **Revista da Spagesp**, São Paulo, v. 14, n. 1, p.43-54, jan. 2013. Disponível em: <http://pepsic.bvsalud.org/pdf/rspagesp/v14n1/v14n1a06.pdf>. Acesso em: 06 abr. 2019.
- CARVALHO NETO, M. B. de. Análise do comportamento: behaviorismo radical, análise experimental do comportamento e análise aplicada do comportamento. **Interação em Psicologia**, Pará, v. 6, n. 1, p.13-18, 2002. Disponível em: http://www.cemp.com.br/arquivos/25932_65.pdf. Acesso em: 24 de mar. 2019.
- CARVALHO, M. M. M. J.; ANDRADE, L. Q. A. Breve histórico do uso da arte em psicoterapia. *In* CARVALHO M. M. M. J. (Org.), **A arte cura?** Recursos artísticos em psicoterapia. Campinas, SP: Editorial Psy II, 1995. p. 27-38.
- CATANIA, A. C. **Aprendizagem: comportamento, linguagem e cognição**. 4. ed. Porto Alegre: Artmed. 1999.
- CESAR, O. **Como se Deve Compreender uma Obra de Arte**. O Estado de S. Paulo, p. 4, 1999.

CIORNAI, S. (Org.) **Percursos em arteterapia**: Arteterapia gestáltica, arte em psicoterapia, supervisão em arteterapia. São Paulo: Summus, 2004.

D'ALENCAR, Érica Rodrigues *et al.* Arteterapia no enfrentamento do câncer. **Revrene**, Fortaleza, v. 14, n. 6, p.1241-1248, nov. 2013. Disponível em: <http://www.periodicos.ufc.br/rene/article/view/3752>. Acesso em: 06 abr. 2019.

DUFRENNE, M. **Estética e filosofia**. 3. ed. São Paulo: Perspectiva, 2008.

ESTES, W. K.; SKINNER, B. F. Some quantitative properties of anxiety. **Journal of Experimental Psychology**, v. 29, p. 390-400, 1941.

FRAYZE-PEREIRA, J. A. Nise da Silveira: imagens do inconsciente entre psicologia, arte e política. **Estudos Avançados**, v. 17, n. 49, p. 197-208, 2003.

GIL, Antônio Carlos. **Métodos e Técnicas de Pesquisa Social**. 5. ed. São Paulo. Atlas, 1999.

HINELINE, P. N. Aversive control: a separate domain? **Journal of the Experimental Analysis of Behavior**, v. 42, n. 3, p. 495-509, 1984.

JESUS, Damásio de; TACHIZAWA, Takeshy. **Orientação Metodológica para elaboração de Monografia**. 1. ed., São Paulo: Damásio de Jesus, 2005.

LUNDIN, R. W. **Personalidade**: uma análise do comportamento. 2. ed. São Paulo: EPU. 1977.

MARCONI, Marina de Andrade; LAKATOS, Eva Maria. **Metodologia do trabalho científico**. 4. ed. São Paulo: Editora Atlas, 1992.

MARTIN, G.; PEAR, J. **Modificação de Comportamento**: o que é e como fazer. 8.ed. São Paulo: Roca, 2009.

MAZUR, J. **Learning and Behavior**. 7. ed. New York: Routledge. 2013.

MILLENSON, J. R. **Princípios de análise do comportamento**. Brasília: Coordenada, 1975.

MINAYO, M. C. de S. **O desafio do conhecimento**. 10. ed. São Paulo: HUCITEC, 2007.

MOREIRA, M. B.; MEDEIROS, C. A. **Princípios básicos de análise do comportamento**. Porto Alegre: Artmed, 2007.

NACIONES UNIDAS (Org.). **Sustancias sicotrópicas**. New York: International Narcotics Control Board, 2018. Disponível em: https://www.incb.org/documents/Psychotropics/technical-publications/2017/Technical_Publication_2017_English_04042018.pdf. Acesso em:

26 abr. 2019.

ORGANIZAÇÃO MUNDIAL DA SAÚDE. **Tema do Dia Mundial da Saúde de 2017, depressão é debatida por especialistas em evento na OPAS/OMS.** Brasília: OMS, 2017. Disponível em: https://www.paho.org/bra/index.php?option=com_content&view=article&id=5391:tema-do-dia-mundial-da-saude-de-2017-depressao-e-debatida-por-especialistas-em-evento-na-opas-oms&Itemid=839. Acesso em: 26 abr. 2019.

OSTROWER, Fayga. **Criatividade e processos de criação.** 9 ed. Petrópolis: Vozes, 2004.

REESE, E. P. **Análise do Comportamento Humano.** Rio de Janeiro: Livraria José Olympio Editora, 1973.

REIS, Alice Casanova dos. Arteterapia: a Arte como Instrumento no Trabalho do Psicólogo. **Psicologia: Ciência e Profissão**, Santa Catarina, v. 34, n. 1, p.142-157, jan, 2014. Disponível em: http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1414-98932014000100011. Acesso em: 06 abr. 2019.

RESCORLA, R. A.; SOLOMON, R. L. Two process learning theory: Relationships between Pavlovian conditioning and instrumental learning. **Psychological Review**, v. 74, p. 151-182, 1967.

RESCORLA, R. A. **Pavlovian second-order conditioning: studies in associative learning.** New York: Psychological Press, 2014.

SIDMAN, M. Conducta de evitación. *In:* W. K. Honig (Org.) **Conducta operante: investigación y aplicaciones.** México: Trillas, 1995.

SILVEIRA, N. **O mundo das imagens.** São Paulo: Ática, 2001.

SKINNER, B. F. **Questões Recentes na Análise Comportamental.** São Paulo: Papyrus, 1991.

SKINNER, B. F. **Sobre o Behaviorismo.** São Paulo: Cultrix, 1999.

SKINNER, B. F. **About behaviorism.** New York: Knopf, 1974.

SKINNER, B. F. **Ciência e Comportamento Humano.** Brasília: UnB/FUNBEC, 1970.

SKINNER, B. F. O que é comportamento psicótico? *In:* T. Millon (Org.), **Teorias da Psicopatologia e Personalidade.** Interamericana: Rio de Janeiro, 1979. p. 188-196.

SKINNER, B. F. **Verbal behavior.** New York: Applenton-Century, 1957.

STAATS, A. W. **Behavior and personality**: psychological behaviorism. New York: Springer, 1996.

STURMEY, P. WARD-HORNER, J. MARROQUIN, M. & DORAN, E. Structural and functional approaches to psychopathology and case formulation. *In*: P. Sturmey (Editor), **Functional analysis in clinical treatment**. San Diego: Elsevier Inc, 2007. p. 1-21.

TODOROV, J. C. Sobre uma definição de comportamento. **Revista Perspectivas em Análise do Comportamento**, v. 3, n. 1, p. 32-37, 2012.

TRIVIÑOS, Augusto Nivaldo Silva. **Introdução à Pesquisa Em Ciências Sociais: A Pesquisa Qualitativa Em Educação**. São Paulo, Atlas, 1987.

VYGOTSKI, L. S. **A imaginação e a arte na infância**. São Paulo: Saraiva, 1990.

VYGOTSKI, L. S. **Psicologia da arte**. São Paulo: Martins Fontes, 1998.

ZANELLA, A. V et al. Concepções de criatividade: movimentos em um contexto de escolarização formal. **Psicologia em Estudo**, v. 8, n. 1, p. 143-150, 2003.